

Valter
Hugo Mãe

O paraíso são os outros



BIBLIOTECA AZUL

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

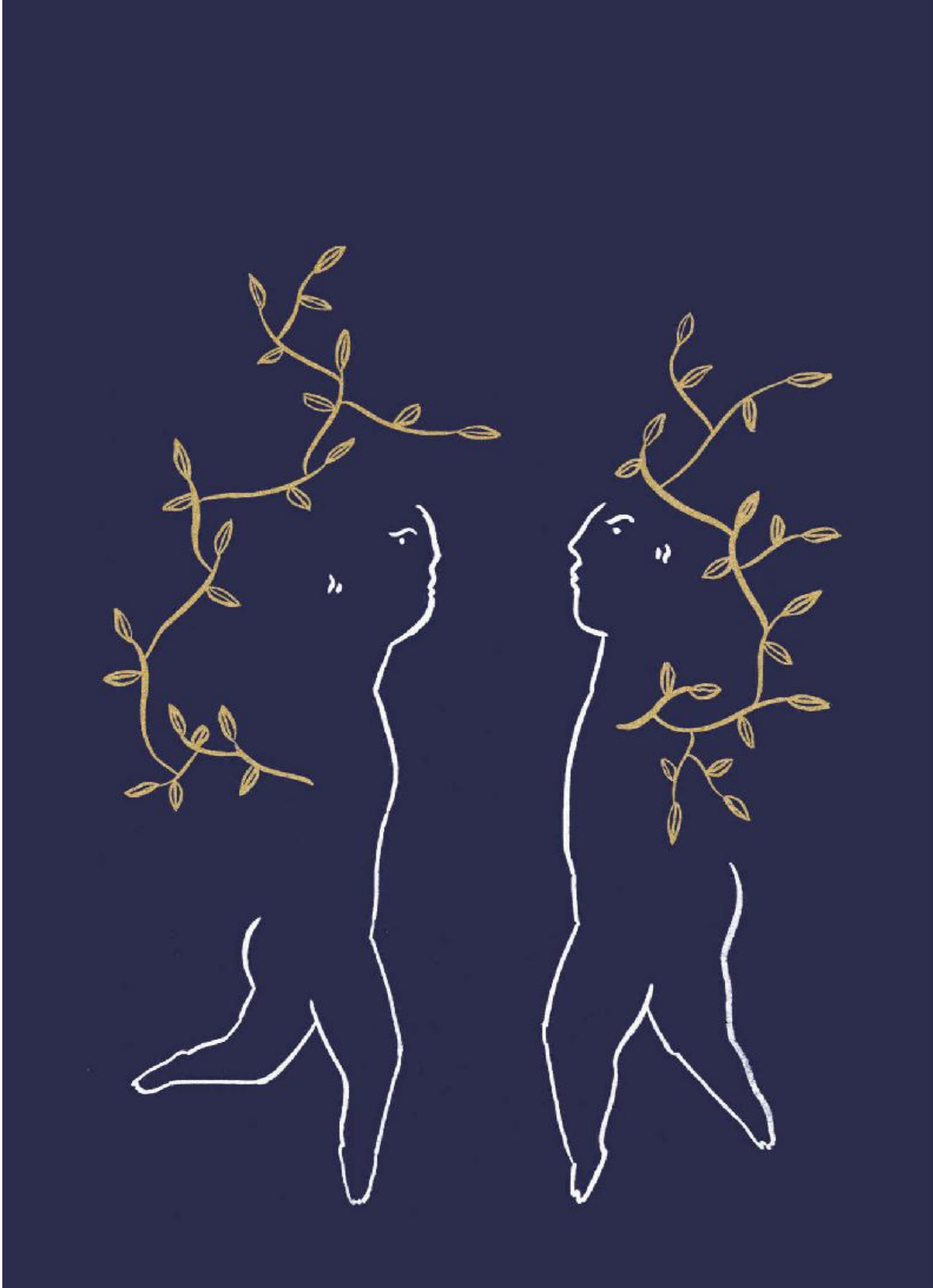
Converted by [convertEPub](#)

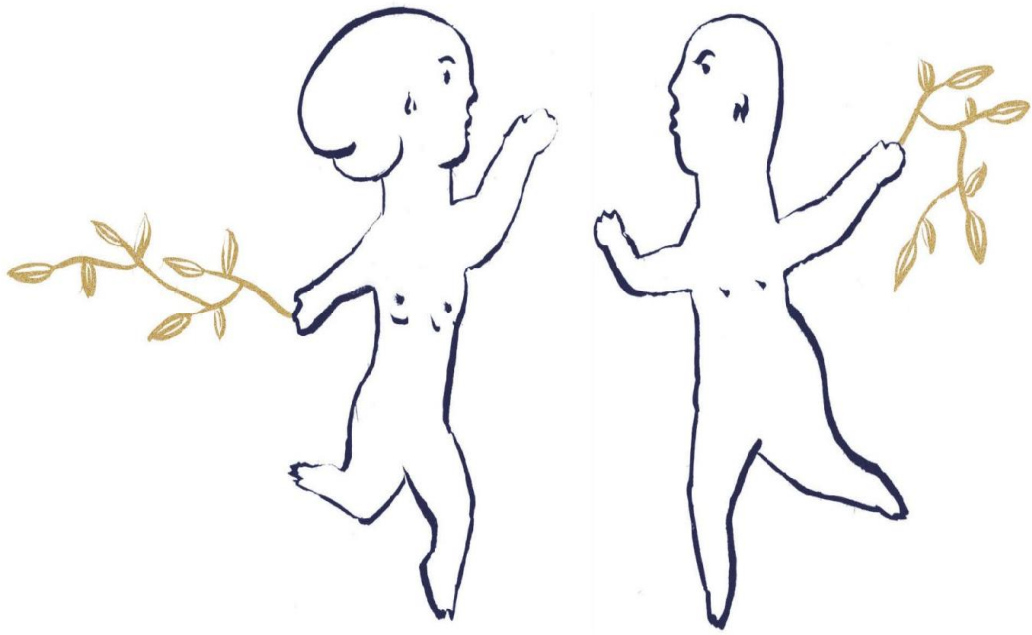
Valter Hugo Mãe

O paraíso são os outros



BIBLIOTECA AZUL





sumário

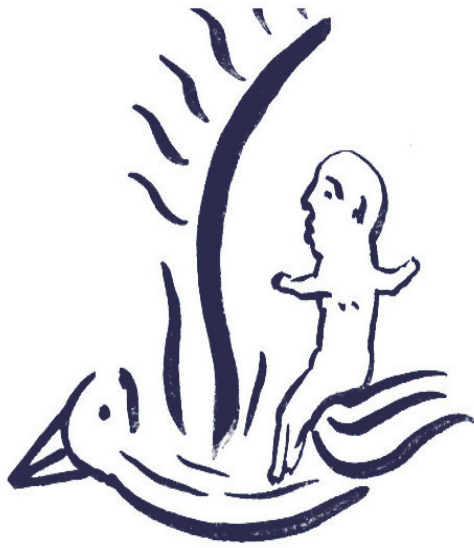
[Pular sumário \[>>> \]](#)

[O paraíso são os outros](#)

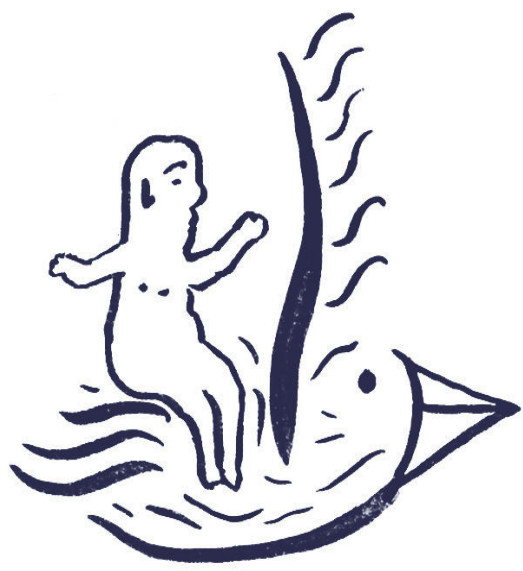
[Nota do autor](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)



O paraíso são os outros é dedicado à minha querida Olga Antonieta Almeida e ao António Trindade. Guarda também um forte abraço ao grande Ignácio de Loyola Brandão, a quem assisti a uma das mais belas declarações de amor, naturalmente feita à sua esposa, Márcia Gullo. Ignácio disse que, se pudesse voltar atrás, não sabia o que mudaria na sua vida. Disse, no entanto, saber o que não mudaria nunca: o amor por Márcia. Todos quantos ouvimos achamos ter acontecido ali, de modo espontâneo, a mais preciosa das situações da vida.





Reparo desde pequena que os adultos vivem muito em casais. Mesmo que não sejam óbvios, porque algumas pessoas têm par mas andam avulsas como as solteiras, há casais de mulher com homem, de homem com homem e outros de mulher com mulher. Depois, há casais de pássaros, coelhos, elefantes, besouros. Os pinguins são absurdamente fiéis, quero dizer: há também casais de pinguins, e até de golfinhos. Tudo por causa do amor.

O amor constrói. Gostarmos de alguém, mesmo quando estamos parados durante o tempo de dormir, é como fazer prédios ou cozinhar para mesas de mil lugares.

Mas amar é um trabalho bom. A minha mãe diz.





Vivo num lugar quente. A gente aqui tem muitos mosquitos e encontra borboletas nas flores. No verão abrem-se as janelas mas colocam-se redes. Ficamos a ver tudo coado por essa brancura. Também há gatos soltos e outros dentro das casas. Os gatos soltos são os nossos. Eles entram no quintal e levam os restos. Andam em beiras estreitas. Todos os gumes são estradas para eles. Sabem não cair e, quando caem, sabem cair.

Alguns casais de bichos também são de pinguim homem com pinguim homem ou de golfinho mulher com golfinho mulher. Mas eu nunca vi e não tenho provas. Nunca sequer vi um pinguim ou um golfinho e fico triste por isso.

Os gatos são casais misturados. Eu acho. Não são fiéis. Os cachorros também não. São fiéis aos donos mas, entre si, não namoram com muito cuidado.

A minha mãe explica que o amor também é namorar com cuidado.

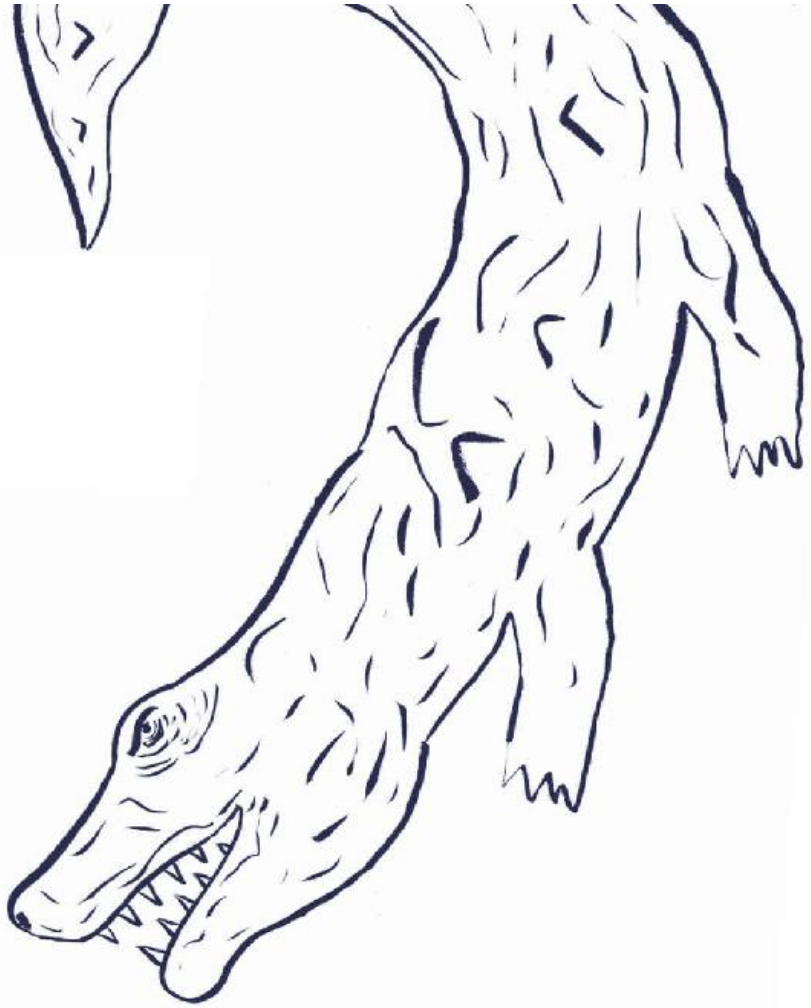




Eu adoraria ver jacarés, ursos brancos ou cobras de dez metros. Uma vizinha da nossa rua tem uma galinha-d'angola vaidosa. Eu gosto de animais e mais ainda dos esquisitos e invulgares, até dos que parecem feios por serem indispostos.

Os bichos só são feios se não entendermos os seus padrões de beleza. Um pouco como as pessoas. Ser feio é complexo e pode ser apenas um problema de quem observa.

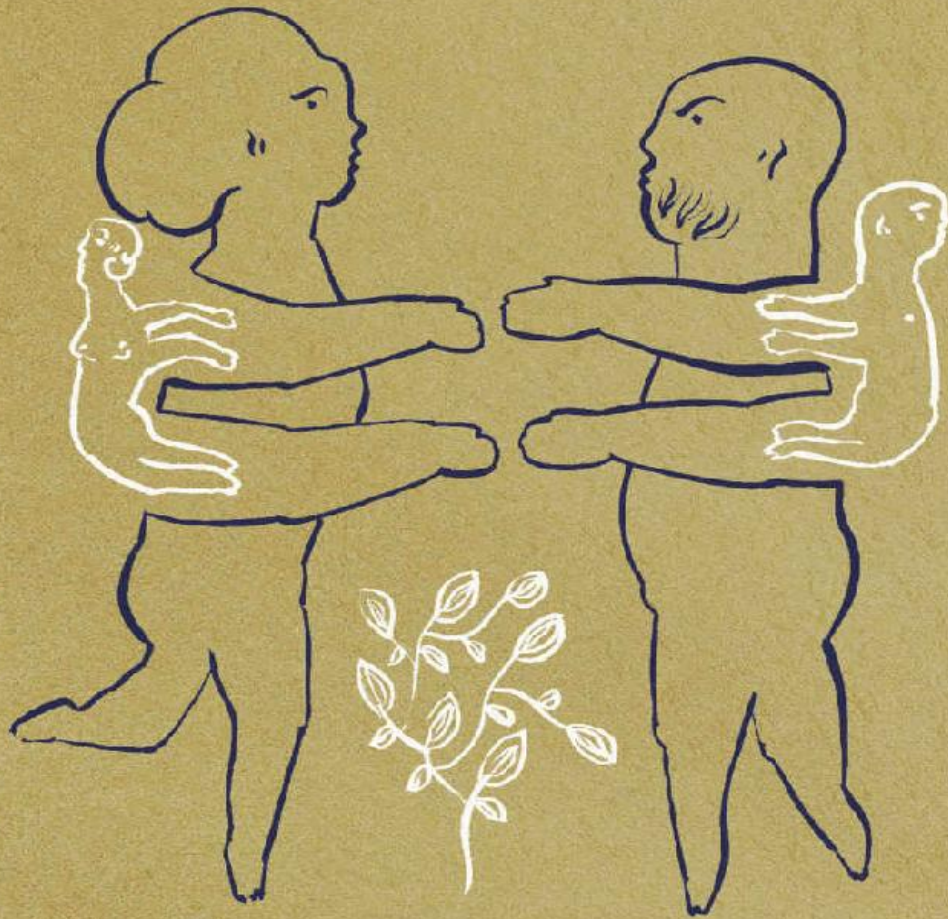
Uso óculos desde os cinco anos de idade. Estou sempre por detrás de uma janela de vidro. Não faz mal, eu inteira sou a minha própria casa. Sou como o caracol, mas muito mais alta e veloz. A minha mãe também acha assim, que o corpo é casa. Habitamos com maior ou menor juízo.





O jacaré é um bicho indisposto, eu sei. Gosto dele mas não devo chegar perto. Nunca vi, já disse. Tenho pena. Talvez seja pior, o jacaré, por não amar. Eu gosto dele mas não sei se constrói. Estou a ser sincera. Ainda tenho de ler sobre isso.

Talvez os bichos ferozes construam coisas às quais não sabemos dar valor. É importante pensarmos no valor que cada coisa ou lugar tem para cada bicho. Só assim vamos saber por que razão cada um é como é. Depois de entendermos melhor, a beleza comparece.



Os casais são criados por causa do amor. Eu estou sempre à espera de entender o que é. Sei que é algo como gostar tanto que dá vontade de grudar. Ficar agarrado, não fazer nada longe. Os casais são isso: gente muito perto. Quero dizer: acompanhando, porque mesmo em viagem não deixam de acompanhar, pensam o dia inteiro um no outro.

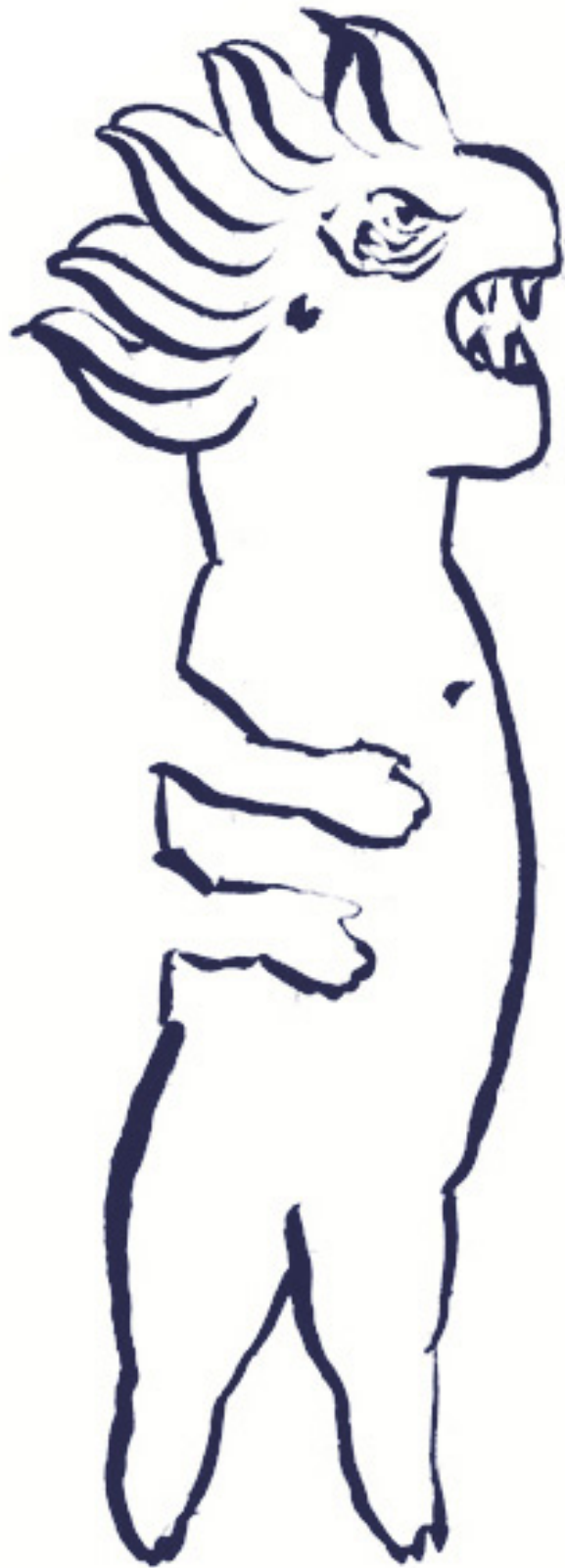
Às vezes, falamos com alguém que pertence a um casal e essa pessoa nem ouve porque está a pensar em quem ama. Chega a ser bizarro. Quase mal-educado.

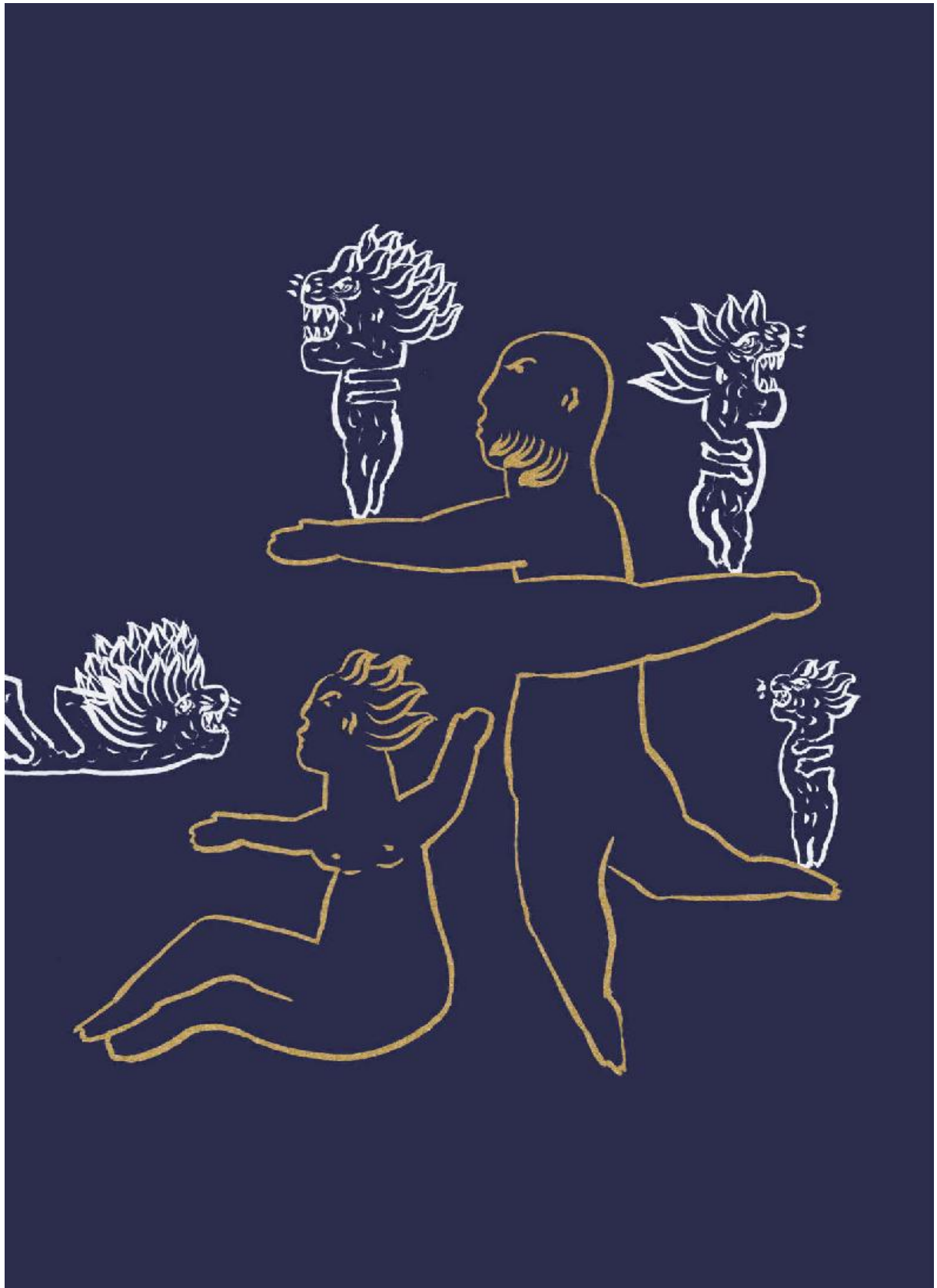




Os casais, de todo o modo, não são fechados, têm amigos e outra família, alguns têm filhos. Filhos que eles próprios geraram ou que adotaram para criar.

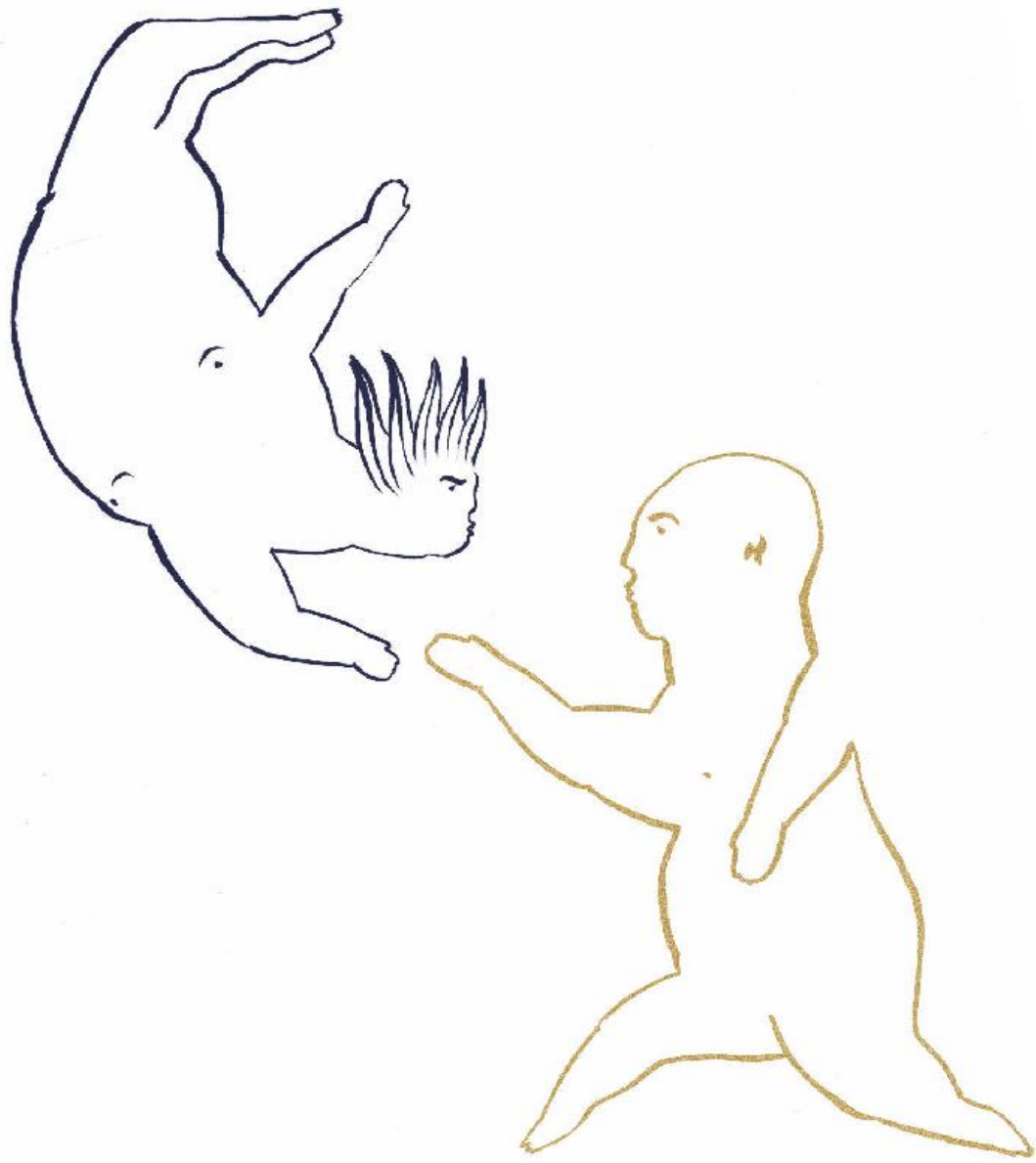
Os filhos, conseguidos de uma forma ou de outra, são invariavelmente valiosos. Mães e pais, juntos ou separados, são sempre mães e pais e não perdem o amor.





Apenas as doenças fazem mães e pais perder o amor. Cientistas de todo o mundo procuram urgentemente uma cura. Mas não parece nada fácil. Creio que só uma esperança qualquer pode curar.

A esperança parece inventada pela espera. Eu não sei esperar. Todos os dias me assusto por não ter esperança. Quero muito ter. A minha mãe manda fazer um esforço. Ela diz: acredita sempre. Eu acredito, só não estou certa de saber ficar à espera. Quando for maior vou seguramente melhorar neste desafio.

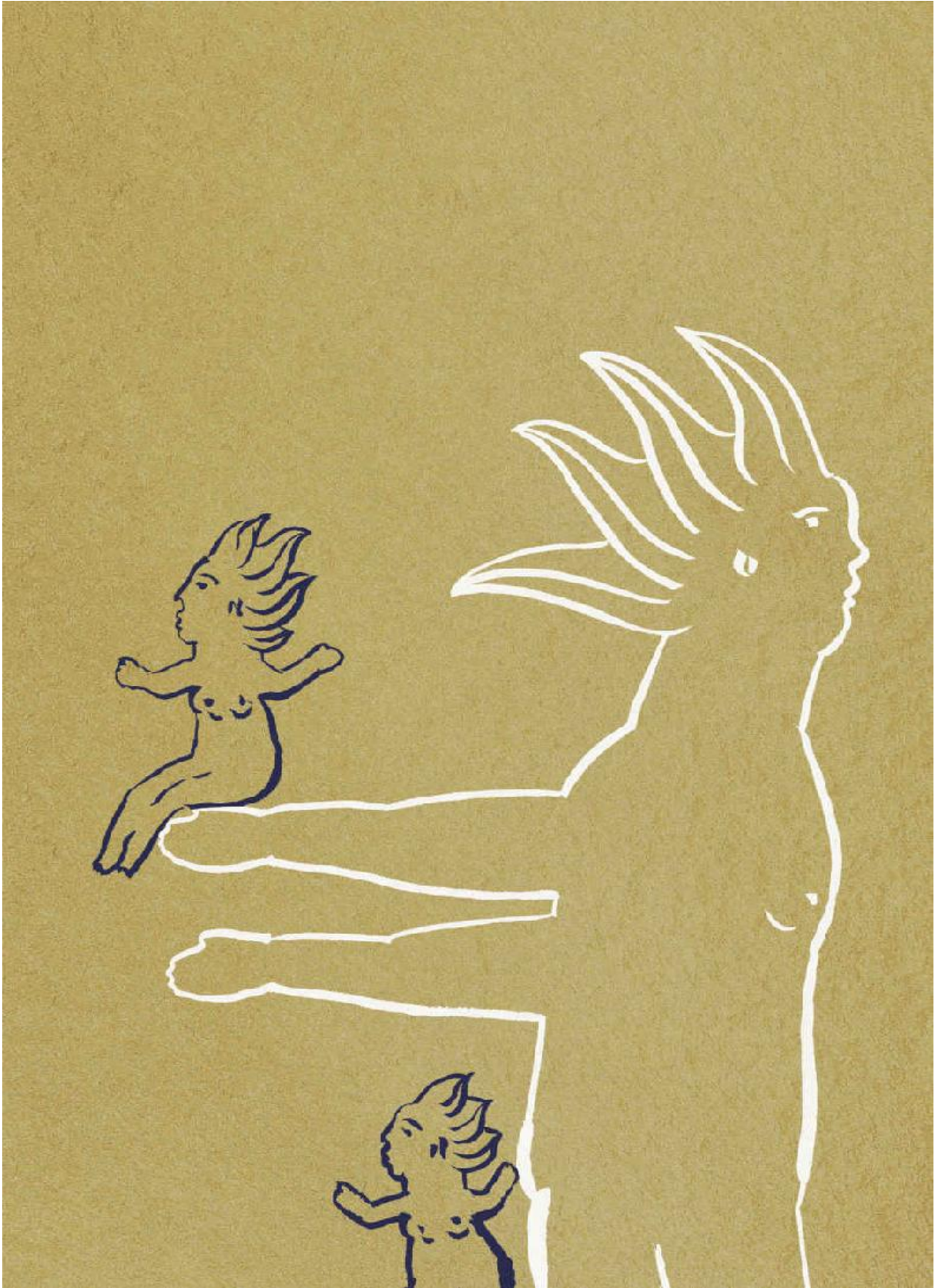


Os casais têm muitos processos para se consumarem. Alguns vestem-se de cores bonitas ou de branco muito limpo, assinam papéis, convidam gente para ver. Outros, comem para engordar e convidam gente para engordar com eles. Quem casa, normalmente, engorda de qualquer jeito.

Há casais que se conhecem num transporte público, numa praça ou no trabalho e ficam. Ficam casais, quero dizer. Dão abraços, trocam números de telefone, assistem a filmes a preto e branco, comem mais doces, reluzem.

Embora existam os que fazem festas, há uma infinidade de casais que não as têm, e outros nem dizem nada a ninguém. Vão viver juntos ou não. São casais mas só eles sabem. Gostam um do outro, mas só eles sabem. Muitos amores são discretos. Deve ser como construir prédios em lugares onde nunca ninguém foi, para poder construir em segredo.

Uma vizinha nossa desapareceu. Soubemos que estava apaixonada num país longínquo. A minha mãe diz que ela agora vive de pernas para o ar porque foi para o lado de baixo do globo terrestre. Eu imagino que a saia dela levante e seja difícil caminhar.







A coisa mais divertida de perceber: os casais não eram família antes. Eram gente desconhecida que se torna família. Mesmo que os filhos julguem que pai e mãe se conhecem desde sempre, isso não precisa de ser verdade.

Os adultos apaixonam-se ao acaso, ainda que façam um esforço para escolher muito ou com muita inteligência. Já aprendi. O amor é um sentimento que não obedece nem se garante. Precisa de sorte e, depois, de empenho. Precisa de respeito. Respeito é saber deixar que todos tenham vez. Ninguém pode ser esquecido.

Por vezes, faço uma lista com os nomes das minhas pessoas importantes para as lembrar. Mesmo que não lhes fale, penso em como estarão, se bem ou mal. Quando me parece que podem estar mal telefono a perguntar. Quase sempre estou errada. Mas gosto de ter a certeza do erro.

A minha mãe diz que só crescemos quando reconhecemos os nossos erros. Enquanto não o fizermos seremos menores. Crescer é diferente de aumentar de tamanho ou ganhar idade. A minha mãe diz que grandes são os que se corrigem.

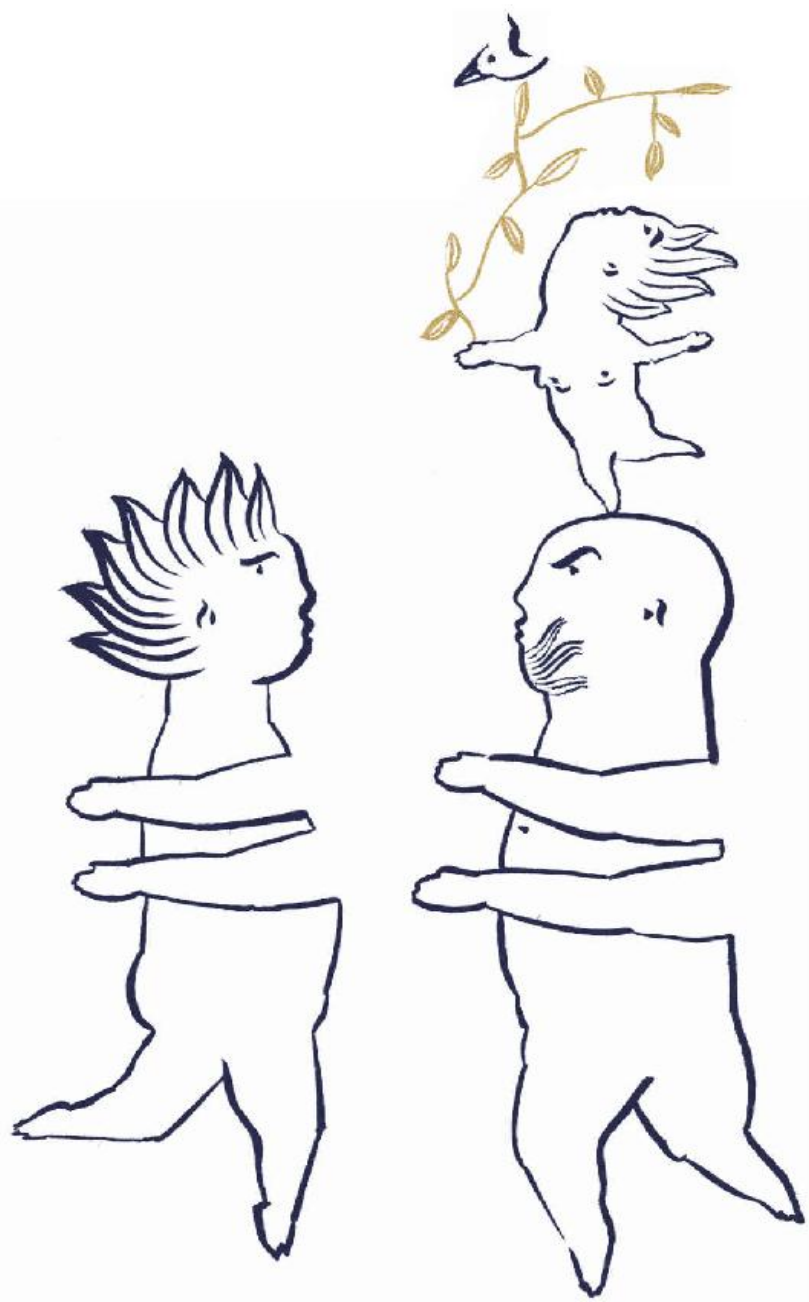
ل





Eu fui bem avisada: a pessoa que um dia amarei haverá de estar em algum lugar entretida com a sua vida, como eu. Não a conheço ainda. Já me disseram que seria o Miguel, ele é maravilhoso. Não confio muito, juro que não.

Há tanta gente maravilhosa. Eu ando a ver se percebo os meus avós e as minhas primas estrangeiras que falam engraçado. Tenho tudo para ouvir e ver. Ainda não sei nada. Leio livros para aprender. Estou sempre apressada. Sou muito mexida. Um dia quero uma coisa, no outro quero tudo. Sofro de um problema de sossego. Não sei o que é estar sossegada. Mais tarde corrijo.



Um dia, eu e essa pessoa desconhecida vamo-nos encontrar por algum motivo e uma intuição talvez nos diga que chegámos à vida um do outro. Eu nem sempre acredito nisso. Mas não posso deixar de estar atenta. Aliás, sou mesmo assim, fico atenta a toda a gente. Gosto de olhar discretamente. Confesso.

Imagino a vida dos outros. Não é por cobiça. É por vontade que dê certo. Por exemplo, vejo alguém sem cabelo e invento que há gente que só gosta de homens carecas e então ser careca passa a ser uma vantagem ou, pelo menos, desvantagem nenhuma.

Acho que invento a felicidade para compor todas as coisas e não haver preocupações desnecessárias. E inventar algo bom é melhor do que aceitarmos como definitiva uma qualquer realidade má. A felicidade também é estarmos preocupados só com aquilo que é importante. O importante é desenvolvermos coisas boas, das de pensar, sentir ou fazer.



As pessoas são tão diferentes. Aprecio muito que o sejam. Fico a pensar se me acharão diferente. Adoraria que achassem. Ser tudo igual é característica de azulejo na parede e, mesmo assim, há quem misture.

Eu sou a favor de uma meia de cada cor. Adoro cores. A minha mãe diz: organiza. Julga que eu baralho demasiado.

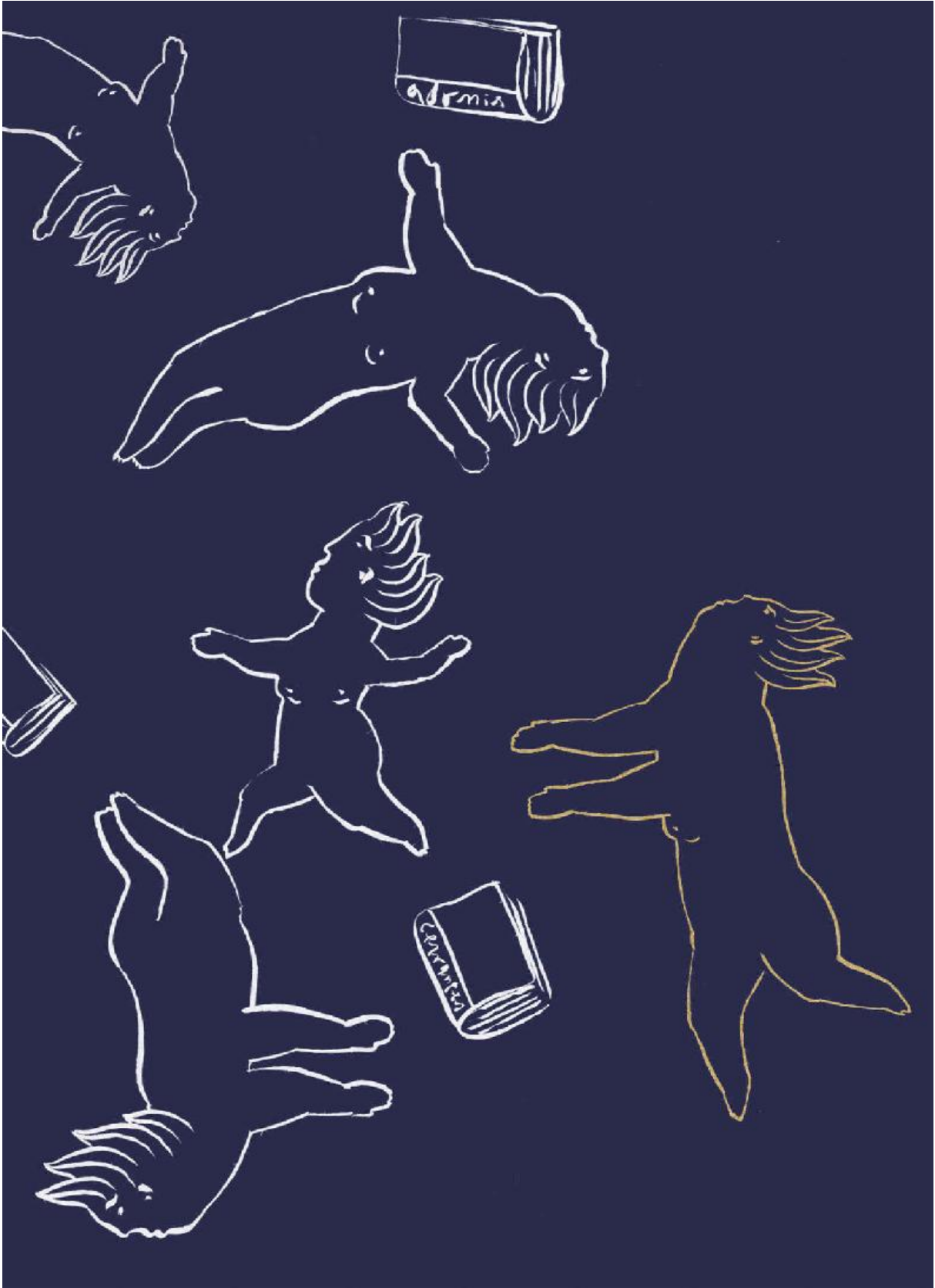
Às vezes, fico horas a arrumar o meu quarto. Cansa, mas gosto do resultado no final. Queria muito acreditar em fadas que nos mantivessem os trabalhos chatos sempre feitos. Mas isso não acontece. Para ser menos chato, eu canto no trabalho. Chego a ficar rouca, das horas e da falta de afinação. Sou, enquanto cantora, prima das cacatuas. Não me importo. Ainda assim, eu canto. Adoro cantar.

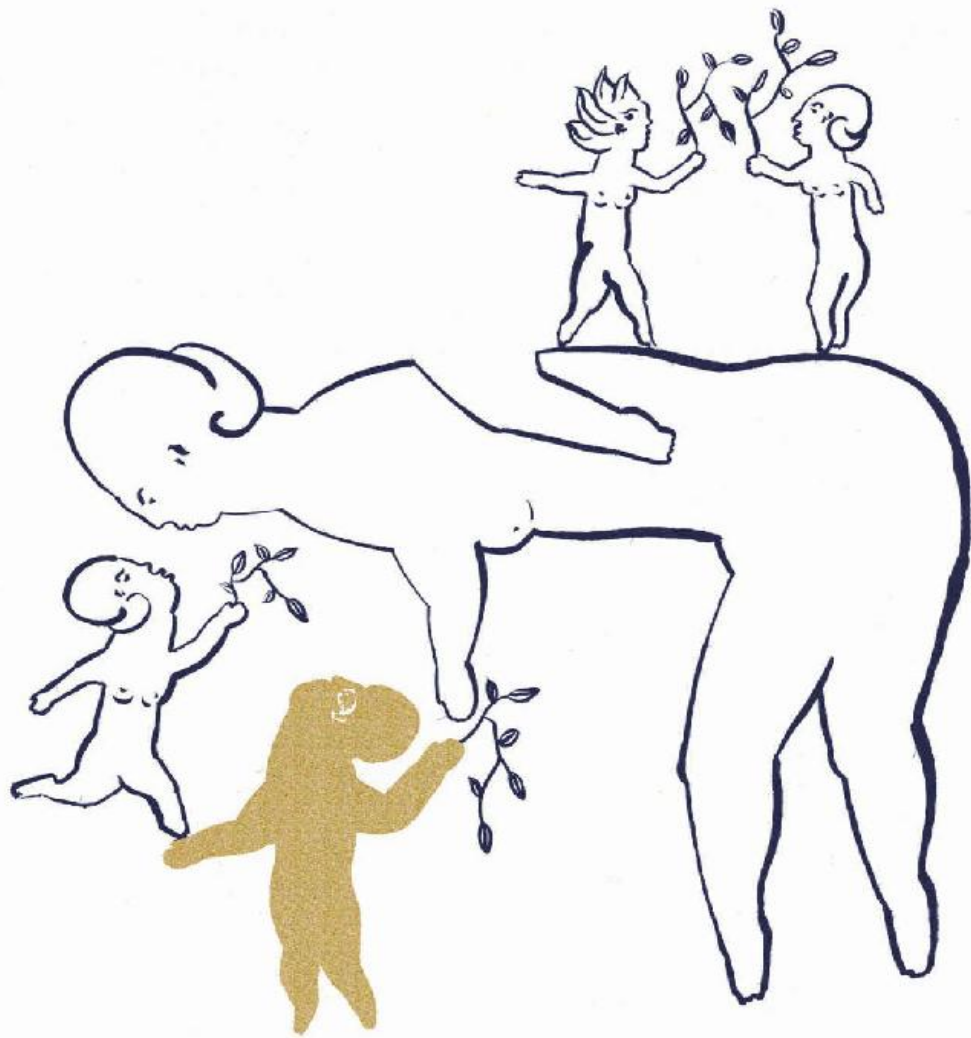


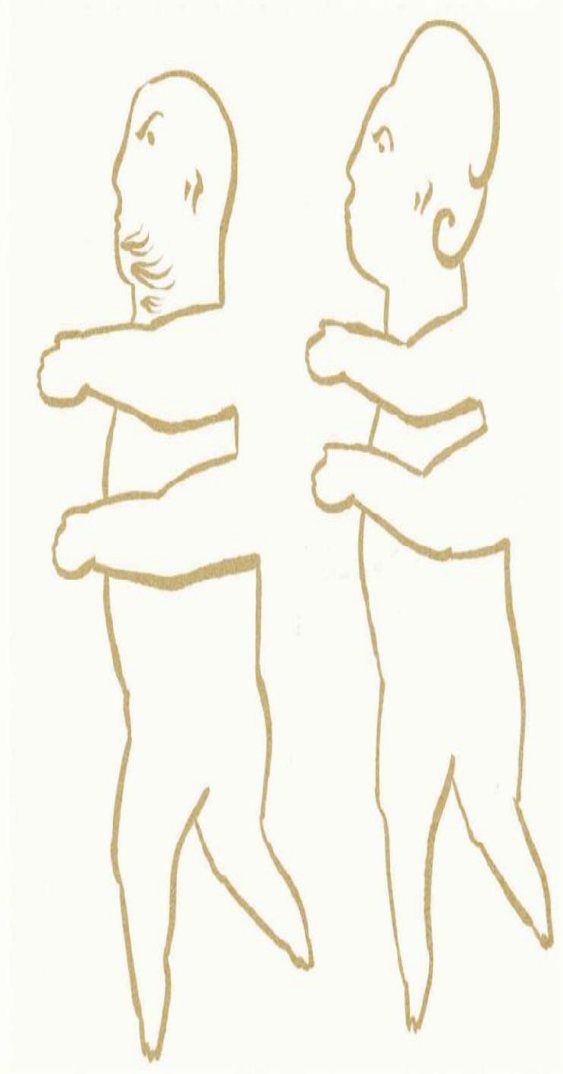
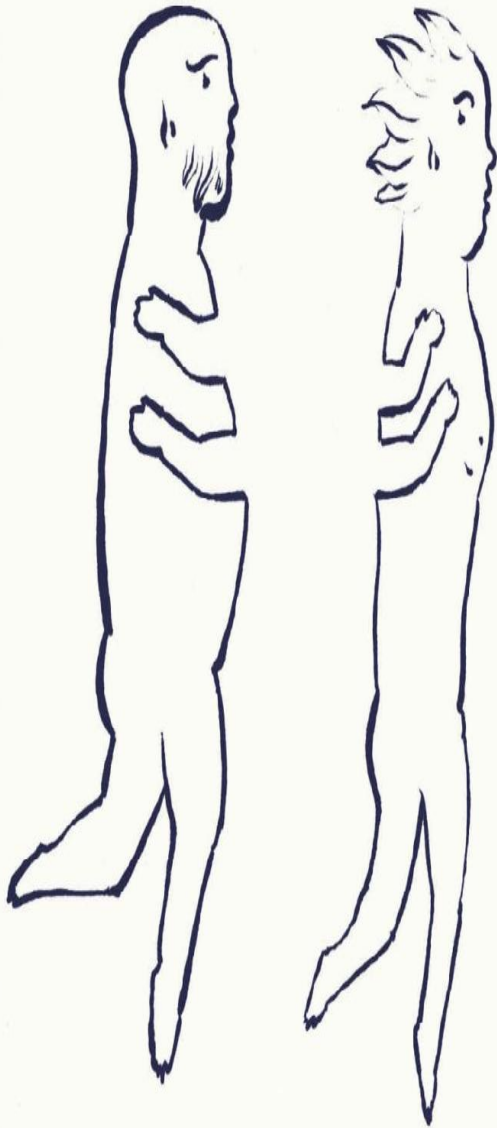
Estou cada vez mais certa de que o paraíso são os outros. Vi num livro para adultos. Li só isso: o paraíso são os outros. A nossa felicidade depende de alguém. Eu compreendo bem.











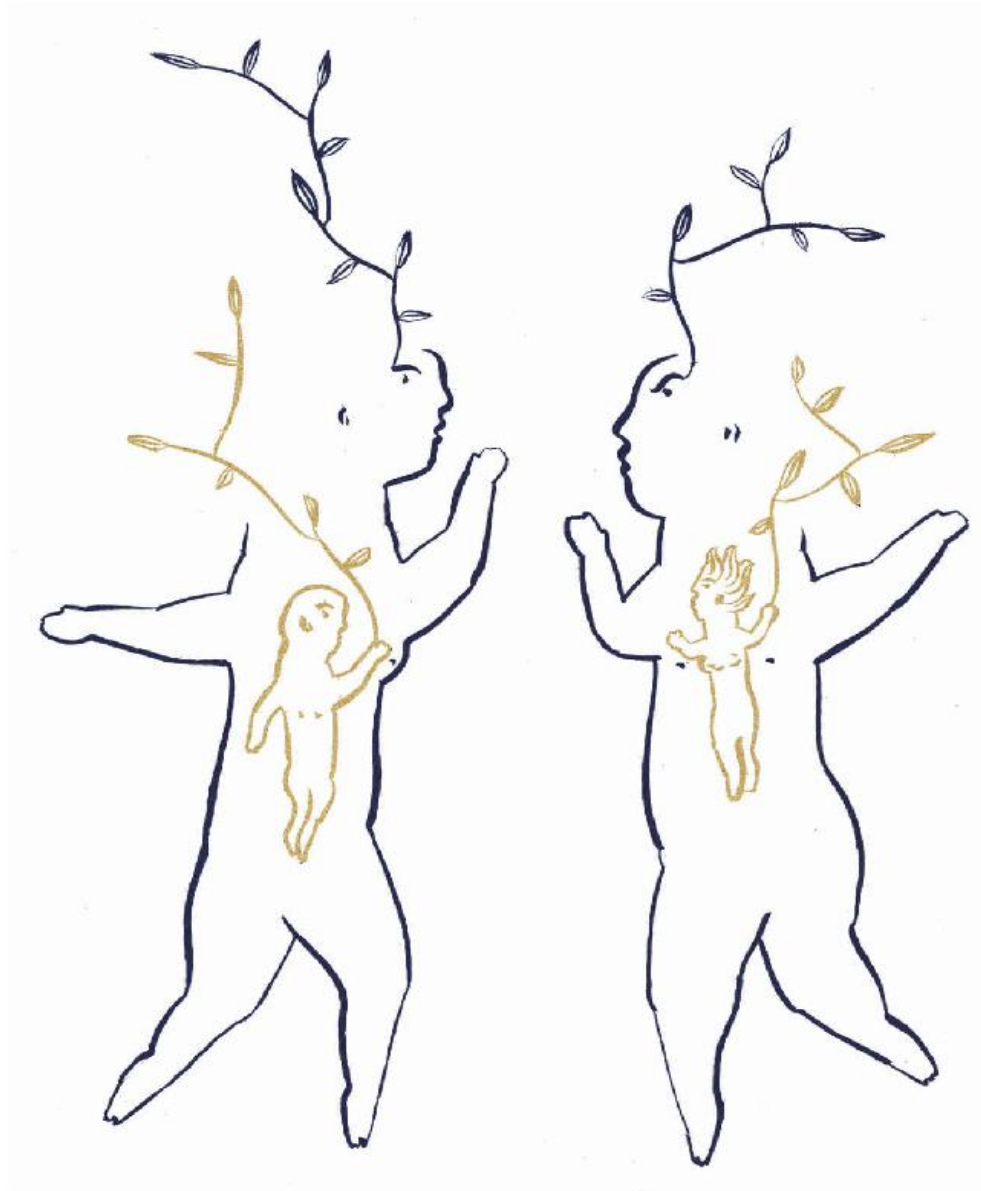
Mães, pais, filhos, outra família e amigos, todas as pessoas são a felicidade de alguém, porque a solidão é uma perda de sentido que faz pouca coisa valer a pena.

Na solidão só vale a pena tentar encontrar alguém. O resto é tristeza. A tristeza a gente respeita e deita fora. A tristeza a gente respeita e, na primeira oportunidade, deita fora. É como algo descartável. Precisamos de usar mas não é bom ficar guardada.



O s casais formam-se para serem o paraíso. Ou assim devia ser. Há casais que vivem no inferno, mas isso está errado. Pertencer a um casal tem de ser uma coisa boa. Eu, quando for adulta e encontrar quem vou amar, quero ser feliz. Não vou sequer ter paciência para quem mo impedir. Precisamos de fugir de toda a maldade antes que deixemos de saber fugir. A maldade deve ser eliminada logo na primeira situação.

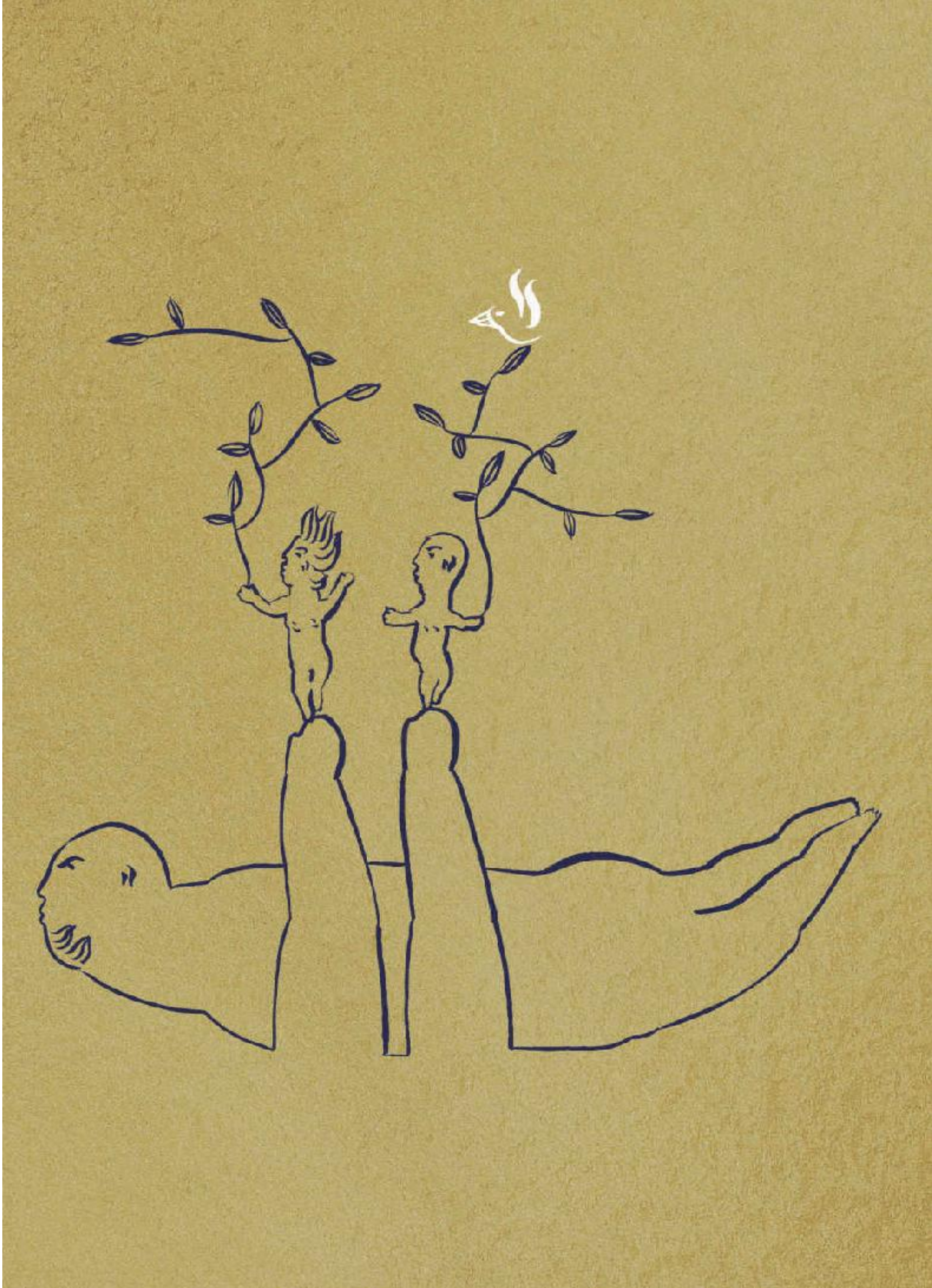
A minha tia viveu com o meu antigo tio até ao dia em que ele lhe bateu. Depois, fez a mala e foi procurar apaixonar-se outra vez. Quem bate é burro e estúpido. A polícia deve prender. Ela casou novamente. O meu novo tio é brincalhão. Conta anedotas e todos gostamos mais dele. A minha tia até ficou mais bonita. Não sei o que lhe deu.

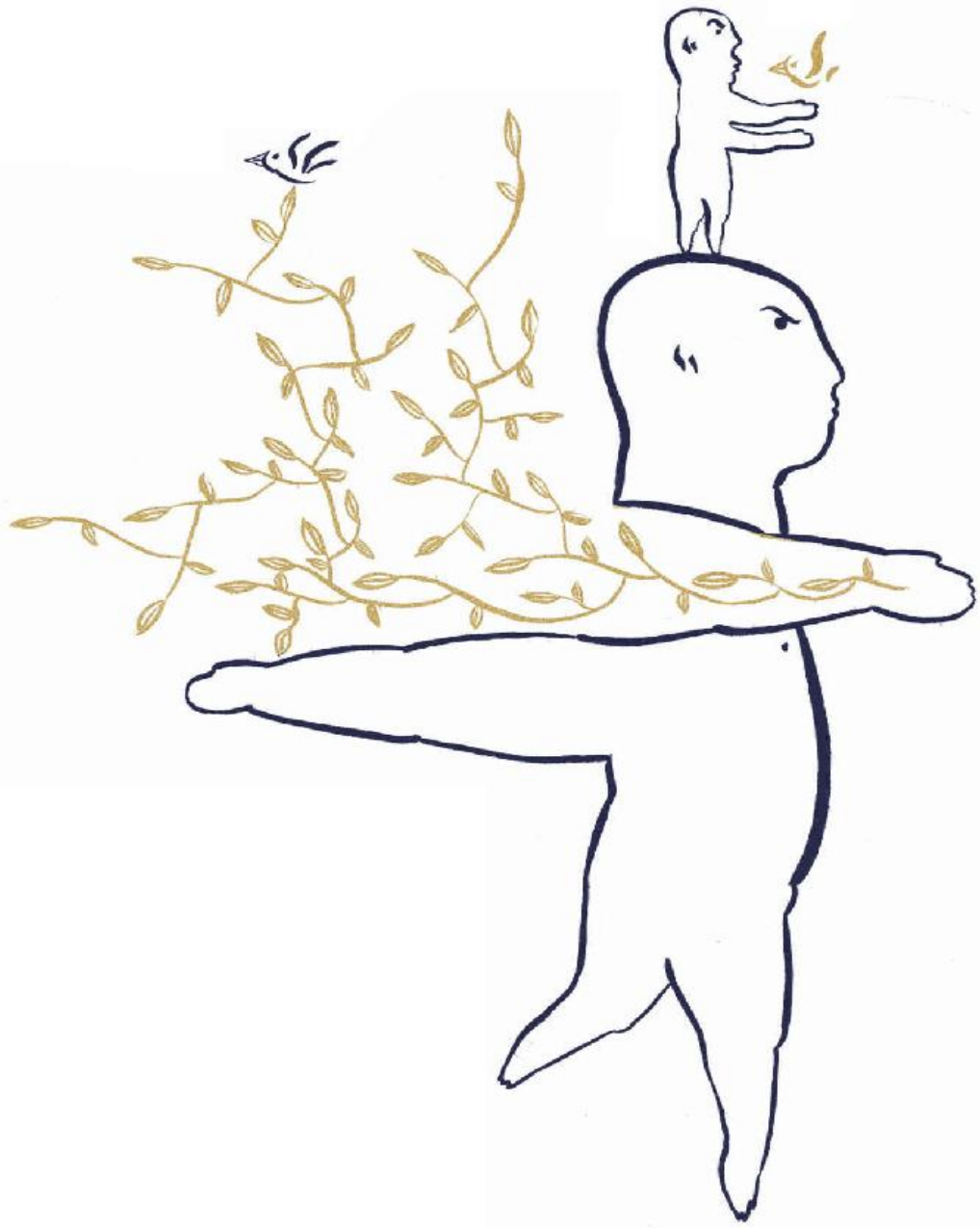


O amor precisa de ser uma solução, não um problema. Toda a gente me diz: o amor é um problema. Tudo bem. Posso dizer de outro modo: o amor é um problema mas a pessoa amada precisa de ser uma solução.









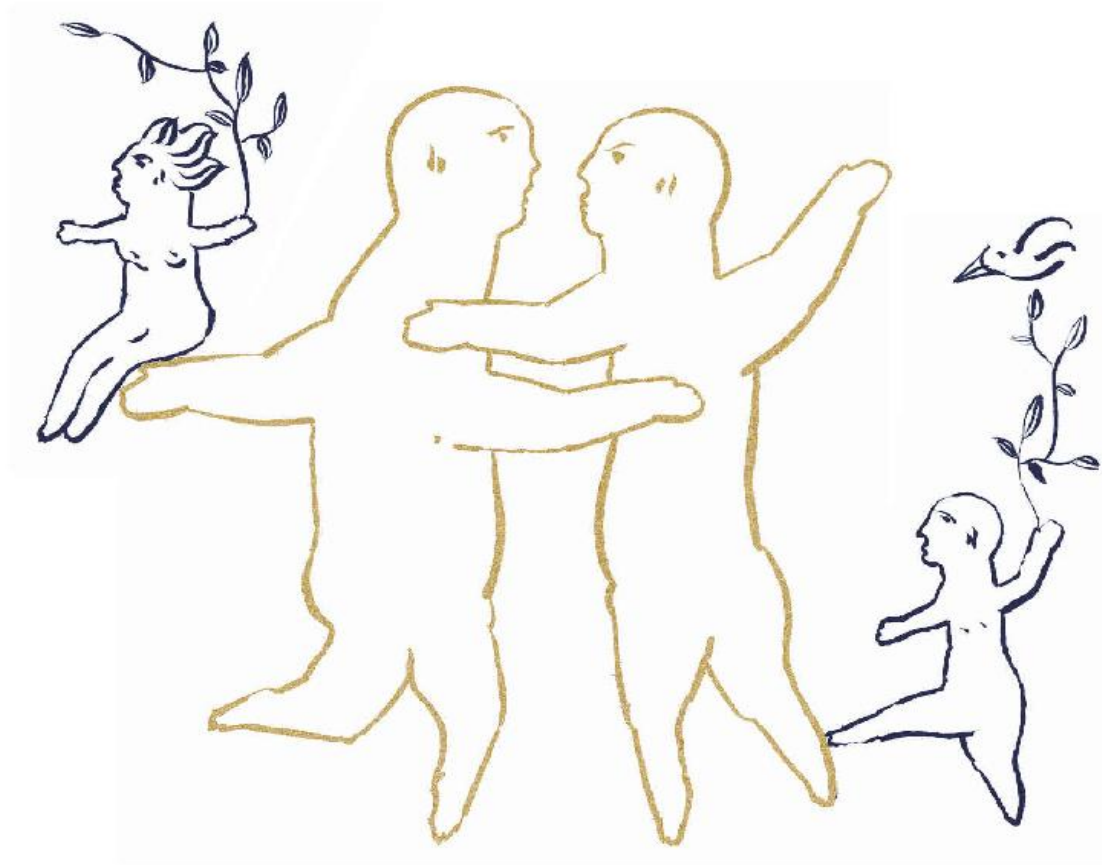
Ah, outra coisa divertida é que alguns casais são formados por pessoas muito velhas. Pessoas muito velhas que se deixam ficar juntas. Chama-se amor para sempre. Dura uma vida inteira e não cansa. Pelo contrário. Mesmo com cem anos, as pessoas agradecem sempre mais amor. Chegam a andar ainda à procura e muitas encontram. Nunca se torna tarde. Tarde é a metade do meio dos dias.

O amor é urgente. As pessoas ficam tão aflitinhas com o amor como quando querem fazer chichi.



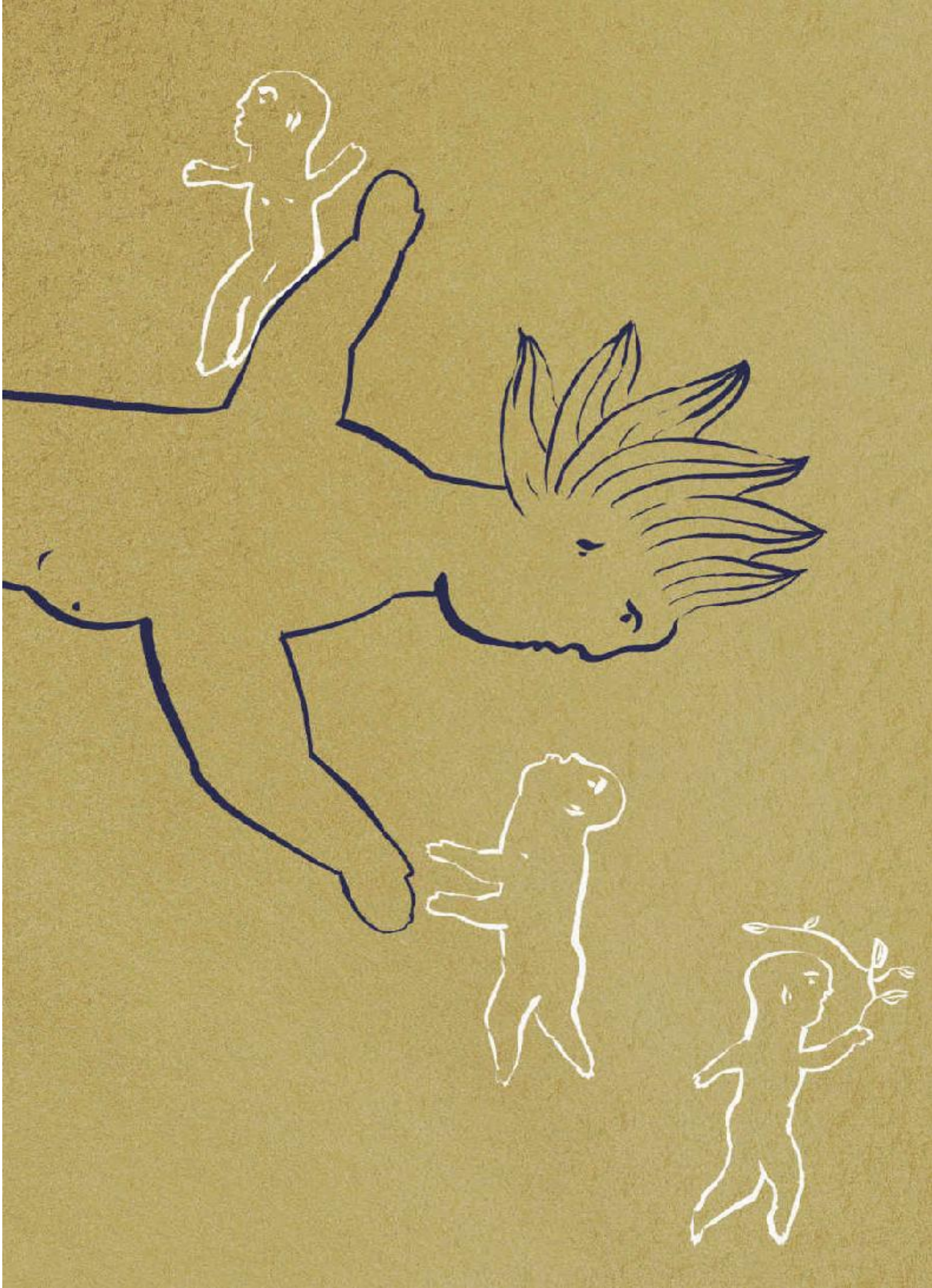
As pessoas que amam estão sempre com ar de urgência, porque têm saudades quando não estão acompanhadas e sentem uma euforia bonita quando estão juntas.

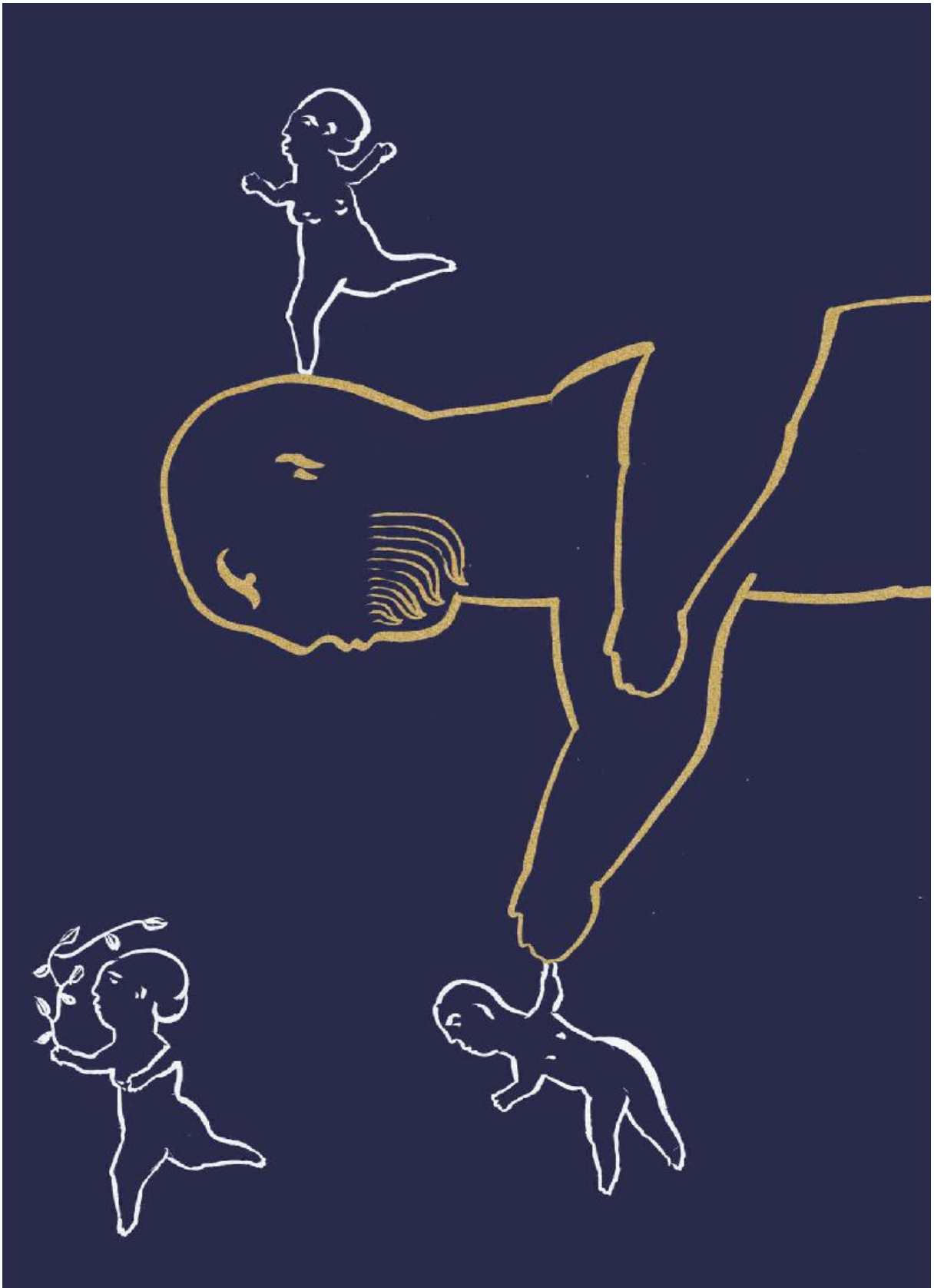
Eu acho que as pessoas apaixonadas sentem saudade mesmo quando estão juntas, porque se deixam a olhar umas para as outras pasmadas como se fosse a primeira vez. Até como se fosse a primeira vez que vissem sapos, neve, cataratas, aqueles peixes voadores, jacarés, prédios com mais de trinta andares ou o Miguel a enrolar os olhos.

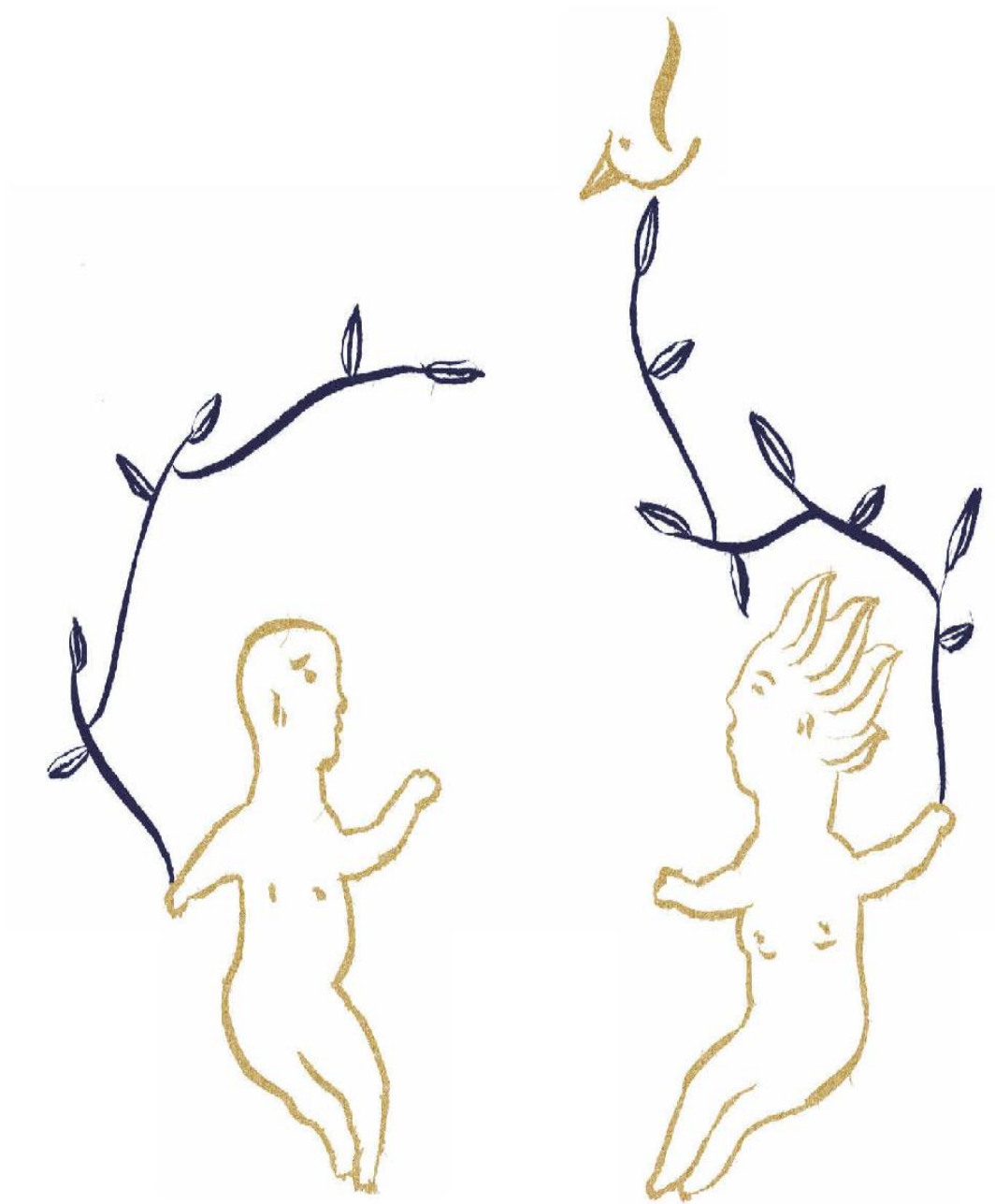


As pessoas mais velhas, quando são um casal, dão beijos pequenos. As pessoas novas costumam dar beijos mais longos, cheios de paciência. Eu não tenho muita paciência. Devo ter a alma mais velha. Não sei.

Também não acredito muito que beijar seja como construir prédios, embora alguns beijos pareçam cansar. Há casais que ficam mesmo sem ar, como quem andou a carregar tijolos. Não estou certa de que quero que me falte o ar ou de que quero carregar tijolos. Tenho muitas dúvidas. Quando me apaixonar, dizem-me, fico logo esclarecida. Aguardarei desconfiada. Não aceito as coisas à pressa. Preciso de pensar.







mota do autor

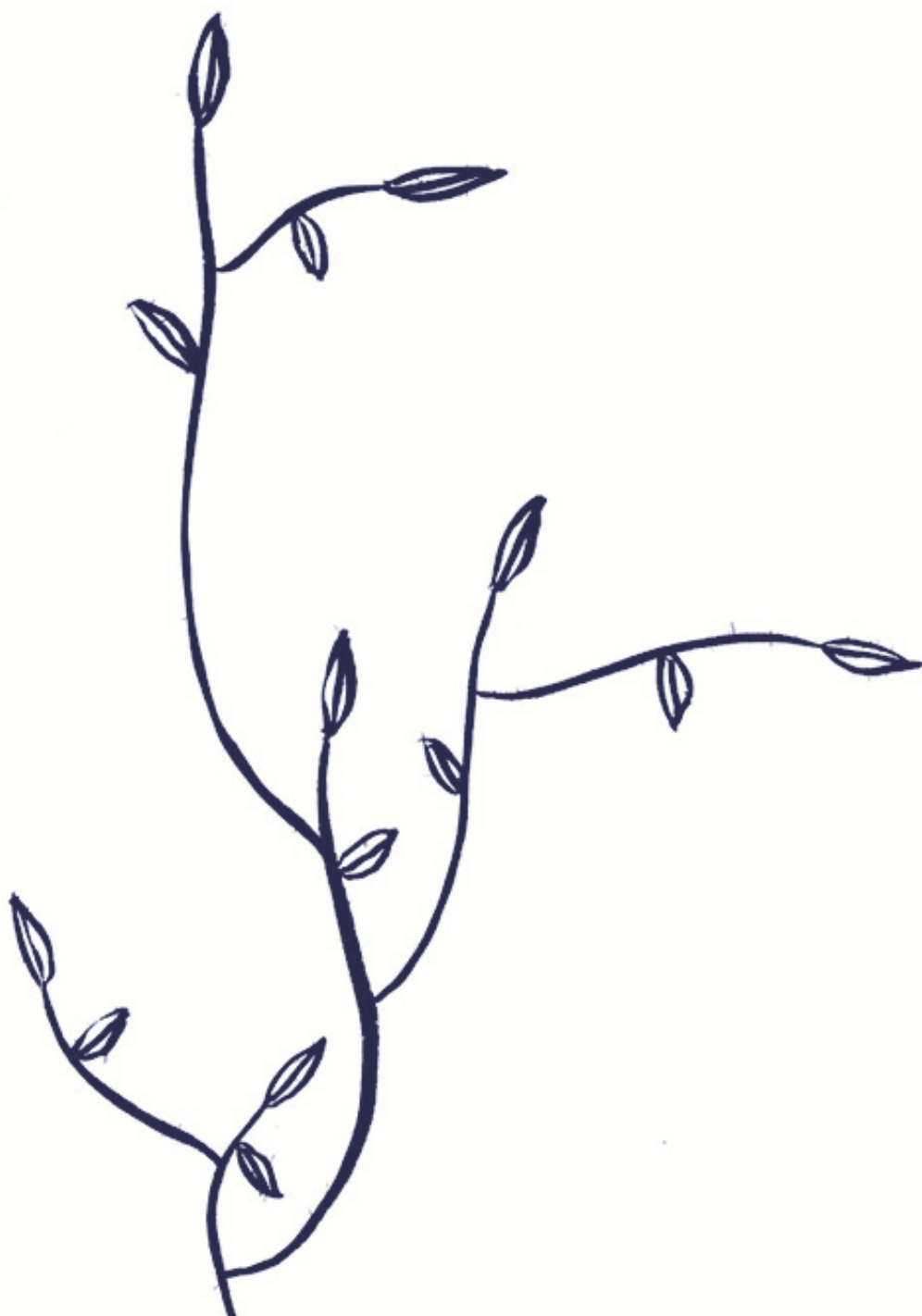
Este livro surge depois de, no romance intitulado *A desumanização*, refletir acerca da popular expressão de Sartre. Como acontece ali, decidi que também esta história seria narrada por uma menina. A passagem que me trouxe a este resultado diz:

“O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer.”



Perdoem meus desenhos. Existem por ternura, não por talento. São uma caligrafia para meditar, um gesto no qual procuro imergir para encontrar ideias livres. Quase sempre desenho pela espera ou pelo impasse de um texto. Desenho para escrever.

Mostrar, deste modo, as minhas figuras toscas, muito falhas, é sobretudo mostrar uma companhia de toda a vida: a ansiedade de fazer algo surgir.





هنا هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

هنا

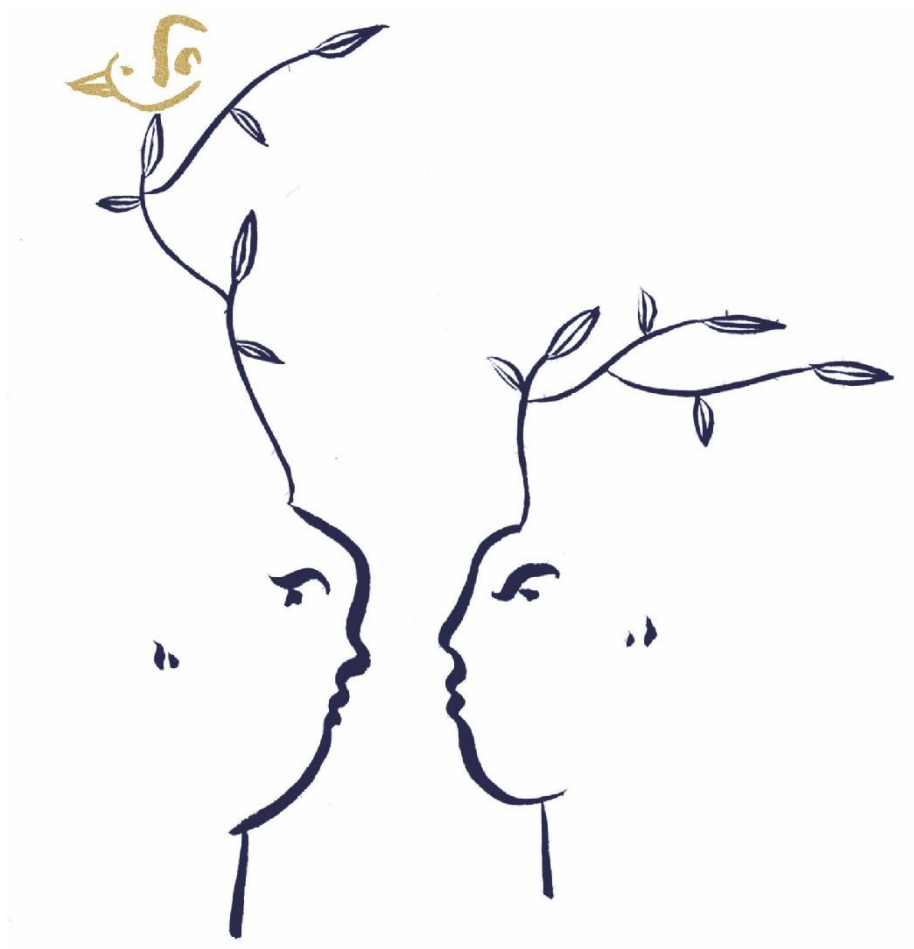
هنا

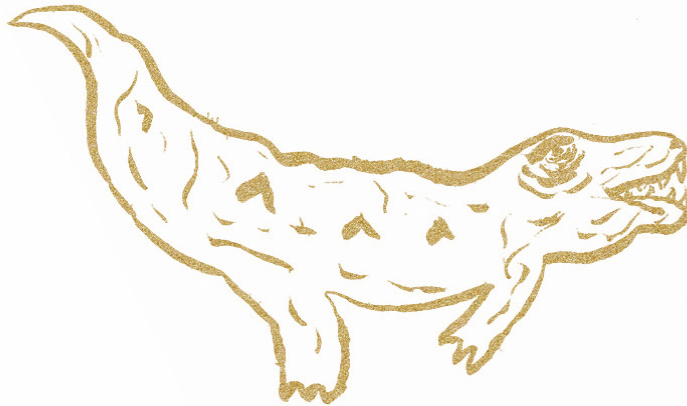
VALTER HUGO MÃE é um dos mais destacados autores portugueses da atualidade. Sua obra está traduzida em muitas línguas, tendo um prestigiado acolhimento em países como Alemanha, Espanha, França e Croácia.

Pela Biblioteca Azul, publicou os romances *o remorso de baltazar serapião* (Prêmio Literário José Saramago), *o apocalipse dos trabalhadores, a máquina de fazer espanhóis* (Grande Prêmio Portugal Telecom de Melhor Livro do Ano e Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do Ano), *O filho de mil homens*, *A desumanização* e *Homens imprudentemente poéticos*.

Escreveu livros para todas as idades, entre os quais: *O paraíso são os outros* e *Contos de cães e maus lobos*. Sua poesia foi reunida no volume *Publicação da mortalidade*.

Outras informações sobre o autor podem ser encontradas em sua página oficial no Facebook.





Copyright © 2014, Valter Hugo Mãe e Porto Editora

Copyright © 2018 Valter Hugo Mãe, publicado por acordo com The Ella Sher Literary Agency e Villas-Boas & Moss Agência e Consultoria Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Por decisão do autor, esta edição mantém a grafia do texto original e não segue o Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995). Este livro não pode ser vendido em Portugal.

EDITORA RESPONSÁVEL Erika Nogueira

EDITORA ASSISTENTE Luisa Tieppo

REVISÃO Rebeca Michelotti

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO Bloco Gráfico

PRODUÇÃO GRÁFICA Lilia Góes

EDITORA DE LIVROS DIGITAIS Livia Furtado

ADAPTAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO PARA E-BOOK Livia Furtado

CONVERSÃO PARA E-BOOK Joana De Conti

1ª edição impressa, 2014 [Cosac Naify]

2ª edição impressa, Editora Globo, 2018

ISBN 978-85-250-6597-1 (impresso)

1ª edição digital, junho de 2018

ISBN 978-85-250-6668-8 (digital)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M16p

Mãe, Valter Hugo [1971-]

O paraíso são os outros [recurso eletrônico] / [texto e ilustração] Valter Hugo Mãe - 1ª ed. - Rio de Janeiro:

Biblioteca Azul, 2018

recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525066688 (recurso eletrônico)

1. Ficção portuguesa. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

18-49923 CDD: 869.3

CDU: 82-3(469)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

22/05/2018 28/05/2018

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Rua Marquês de Pombal, 25 - 20.230-240 - Rio de Janeiro - RJ

www.globolivros.com.br

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[O paraíso são os outros](#)

[Nota do autor](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[O paraíso são os outros](#)

[Nota do autor](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)